



Editorial

Assumir de vez o horizonte da crise como horizonte aberto e indeterminado – e os tempos são de crise: do paradigma econômico, da representação, da crítica – e pensar, como sugere Antonio Negri, a multidão como produtora das bifurcações do tempo e, assim, como sujeito, múltiplo por definição, de uma produção radicalmente democrática, talvez seja o grande desafio que os autores e autoras do conjunto de artigos reunidos nesta edição têm para si. Isso significa continuar com o projeto teórico da Lugar Comum: abordar a crise dos conceitos, das teorias consagradas e dos pontos de vista estabelecidos, não apenas em sua dimensão negativa ou dramática, mas como oportunidade aberta de construir um novo léxico político, que restitua ao conceito de valor sua conotação – e sua potência! – éticas.

Se a economia se caracteriza cada vez mais por seus componentes imateriais – comunicativos, relacionais, criativos, biopolíticos, enfim – ela tem como base o comum e tudo que ele significa em termos de produção coletiva do espaço, do território, do corpo, da memória, do afeto etc., o que implica uma nova organização do poder, mais democrática e, sobretudo, mais aberta aos muitos e suas muitas vozes.

Com efeito, a construção de um espaço novo de representação e, principalmente, de expressão, portanto, ainda que não seja afirmada, é, ao menos, insinuada em todos os artigos: novo léxico político, novo conjunto de direitos, novo discurso sobre o trabalho e sobre a desigualdade, por um lado, e mais democracia, mais produção autônoma das formas de vida e dos valores imanentes que cada grupo ou coletivo possa produzir, por outro. E aqui, faz-se oportuno recordar Foucault, segundo o qual o poder é também positivo, “condição de verdade”, poder de construir novas formas de saber, livres, abertas e democráticas!

Boa leitura.